

Notas sobre inventários de mobiliário da Câmara Municipal do Porto no século XVIII

*Manuel Engrácia ANTUNES **

Um envolvimento recente naquilo que parece ser o lançamento de uma vasta operação de inventário geral do mobiliário da Câmara Municipal do Porto, foi oportunidade para um potencial alargamento da base do campo de investigação tradicional na área da história do mobiliário, que geralmente concentra a sua atenção nas produções mais elegantes, feitas pelas oficinas mais famosas, para os principais aposentos, dos edifícios mais importantes, das camadas mais abastadas, nas principais cidades capitais, para poder chegar até ao chamado “mobiliário corrente”, simples e prático, neste caso mobiliário institucional. Teremos assim de ter em conta o equipamento das zonas de aparato e representação, e as zonas de serviço.

O mobiliário pode ser integrado numa disciplina mais vasta – a arquitectura de interiores e a decoração¹ – e aí vai poder ligar-se com outros aspectos, como por exemplo a distribuição dos aposentos, a decoração arquitectónica, a decoração fixa, a decoração pintada, a decoração móvel, a iluminação, o aquecimento, as colecções.

Arte efémera por excelência, a decoração de interiores é vítima das modas, da novidade, do gosto, dos costumes, das condições económicas, dos progressos técnicos².

O estudo do mobiliário é assim muito menos fútil do que possa talvez à primeira vista parecer³, e consideraremos aqui alguma documentação publicada e alguma documentação disponível sobre a Casa da Câmara no Porto entre o séc. XVI e o séc. XVIII, com dados para um período de cerca de 2 séculos, num contexto institucional civil e regional urbano.

A consideração do mobiliário da Câmara Municipal do Porto no seu conjunto, enquanto objecto de estudo, levou necessariamente a uma tentativa de reconhecimento, de delimitação e de localização desse património, e da informação disponível a ele respeitante.

* *Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras do Porto.*

¹ Feray, J., *Architecture intérieure et décoration en France des origines à 1875.*

² Idem, prefácio.

³ Idem.

Nesse sentido foi passada em revista alguma informação sobre a estrutura funcional da Câmara, e também dos quadros físicos que historicamente foram albergando os diversos agentes municipais.

A Câmara Municipal do Porto possui actualmente um vasto parque de edifícios de arquitectura religiosa e monástica, edifícios de arquitectura comemorativa, votiva e funerária, edifícios de arquitectura pública, edifícios de arquitectura privada, edifícios de arquitectura militar, edifícios de arquitectura dos jardins e das águas, por onde se distribuem os seus serviços.

O que se passará então no passado, ao nível dos espaços utilizados, e o seu equipamento ao nível da arquitectura de interiores, da decoração, do mobiliário?

Uma breve passagem em revista da temática dos edifícios e equipamentos das Câmaras Municipais, ao nível da Europa Ocidental, vem levantar uma série de questões altamente estimulantes, a que a investigação futura poderá porventura ajudar a responder. A título de exemplo : a localização do edifício; a sua posição na hierarquia dos grandes edifícios profanos da cidade; o seu estatuto como expressão arquitectónica da estrutura política da comunidade; a sua parceria com o principal edifício religioso; as suas dimensões; o seu arranjo interior como palco para investimento de ideias e de ornatos; o recrutamento local, regional, nacional ou internacional dos artistas que aí são chamados a colaborar; as áreas de intervenção desses artistas. Ao nível do mobiliário, por exemplo, quais as tipologias presentes, qual a sua evolução, e quando se dá essa evolução.

Seguem-se algumas notas sobre documentação publicada sobre o edifício da Câmara até 1784, e alguns inventários respeitantes ao século XVIII.

Ao abordar o quadro arquitectónico para o funcionamento da Câmara Municipal do Porto, podemos assim considerar um primeiro período – de finais do séc. XV a 1784. Para o séc. XV, ver por exemplo, Costa ⁴.

No seu estudo sobre o Porto durante o reinado dos Filipes, entre 1580/1640 Silva ⁵ apresenta alguns dados sobre o edifício e a organização da Câmara Municipal do Porto, podendo assim considerar-se quanto ao edifício da Câmara:

- O edifício é considerado menos imponente que os edifícios eclesiásticos vizinhos ⁶;
- É realçada a sua localização no coração da cidade ⁷;
- O edifício é qualificado de templo do poder civil ⁸;
- O interior estaria dividido em 2 sobrados ⁹:
 - No rés-do-chão, com entrada para a rua de S. Sebastião, ficaria uma loja;

⁴ Costa, A. L. P. M., “Vereação” e “Vereadores” – *O Governo do Porto em finais do séc. XV*, Porto, CMP, 1993, p. 36/40, ilustrações, p. 25/28.

⁵ Silva, F. R., *O Porto e o seu Termo (1580-1640) – Os homens, as instituições e o poder*, Porto, CMP, 1988, vol. I.

⁶ Idem, p. 357.

⁷ Idem.

⁸ Idem.

⁹ Idem.

- No 1º sobrado, com entrada pelo Largo da Sé, ficaria uma sala de audiências;
- No 2º sobrado, ficaria a sala das reuniões do Senado, para as sessões ordinárias da vereação;
- É identificada todavia a existência de lugares alternativos para reunião do Senado, a título de exemplo ¹⁰:
 - A sala do Capítulo do Mosteiro de S. Domingos;
 - As casas particulares dos vereadores;
 - Mosteiro de Sto Elói;
 - Mosteiro de S. Francisco;
 - Colégio de S. Lourenço;
 - Santa Casa da Misericórdia do Porto;

O 2º Sobrado

Sala das sessões/Cartório

O 2º sobrado foi alvo de intervenções documentadas ao nível da arquitetura de interiores/decoração, e mobiliário:

- Decoração fixa:

- A divisão transversal do espaço, com um tabuado de 90 cms, encimado por grades trabalhadas ¹¹;

¹⁰ Idem, p. 358.

¹¹ Idem, p. 359. Reyniès, N. *Le mobilier domestique*, Paris, Imprimerie Nationale, 1984, vol. II, no seu capítulo VIII, p. 765/776, refere os designados “móveis de protecção”, nos quais se incluem balaustradas fixas, com passagem, que tanto podem rodear uma cama, como barrar uma parte de um aposento ou de uma alcova de modo a limitar-lhe o acesso. A presença de grades em interiores civis domésticos, está documentada na história do mobiliário europeu, através de modelos desenhados e gravados, e através de peças ainda existentes, desde pelo menos o séc. XVII, respeitando em geral a aposentos de aparato, na esfera da realeza, nomeadamente no caso de quartos de dormir, e de salas do trono. Ver por exemplo Feray, J., *Architecture intérieure et décoration en France des origines à 1875*, Paris, Berger-Levrault, 1997, p. 167, numa gravura de Jean Le Pautre (cerca de 1660) representando uma alcova fechada por grades; ou idem, p. 168, numa representação em tapeçaria de Gobelins, segundo cartão de Charles Le Brun (1619-1690), de uma audiência concedida por Luís XIV rei de França ao Legado Papal em 1664, que se passa no quarto do rei, em que se vê claramente a grade aberta, dentro da qual se senta o rei e o legado pontifício.

Arminjon, C., *Ameublement d'Église – Quotidien de la liturgie*, Paris, Rempart, 2000, ao abordar o mobiliário eclesiástico, dedica um capítulo às grades, p. 33/36. Aí refere a presença de grades nos interiores das igrejas desde os primeiros tempos cristãos. A grade de coro separa o coro litúrgico da nave e do deambulatório; também as capelas podem ser fechadas por grades. Executadas em metal, em pedra ou em madeira, as grades fazem parte da decoração arquitectónica do edifício, e incluem ao centro, e por vezes dos lados, simetricamente, uma ou várias portas de acesso ao santuário. Uma versão mais completa, dita “jubé” na forma de gradeamento monumental em madeira ou em pedra, encimada por uma plataforma e de um passadiço, separava a parte reservada aos clérigos da dos fiéis. Ilustrações p. 33, 34, 35. A designação “jubé” vem traduzida em Azevedo, D., *Grande Dicionário de Francês/Português*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1978, p. 881, como – espécie de tribuna ou galeria entre a nave e o coro das igrejas, do alto da qual se lia a Epístola, o Evangelho e diversas lições.

A título de exemplo podem referir-se igualmente ilustrações de grades publicadas em Gruber, A. ed., *The History of Decorative Arts – The Renaissance and Mannerism in Europe*, London, Abbeville Press, 1993, p. 171, relativa a uma grade de madeira entalhada, com motivos góticos e renascentistas, feita para a capela das famílias Boucher du Chariol e Lafaye na igreja de

Parecem assim identificar-se pelo menos 2 espaços: sala das sessões/cartório, e outro espaço;

Sala das Sessões

Mobiliário:

– Móveis de Assento¹²

- Assento com encosto – colocação: na parte interior do espaço definido pelas grades, ao longo da parede¹³;

- Assentos para os Procuradores do Povo – colocação: separados da mesa grande do Senado devido à sua inferior condição¹⁴;

– Mesas¹⁵

- Mesa grande do Senado – colocação no topo Poente da sala¹⁶; em 1607 é substituída por uma nova em madeira de nogueira¹⁷;

Augerolles no Puy-de-Dôme, cerca de 1530, hoje em Écouen, no museu nacional da Renascença, ou do mesmo autor, e na mesma colecção, *The History of Decorative Arts – Classicism and the Baroque in Europe*, London, Abbeville Press, 1992, p. 68, relativa a uma grade em estilo auricular, executada segundo desenho de Johannes Lutma, cerca de 1650, para a Nieuwe Kerk em Amsterdão, e da qual se conserva igualmente um desenho da autoria do seu filho, Johannes Lutma o novo, no museu Boymans-van Beuningen em Roterdão.

Em Portugal, em documentação de arquivo surgem referências a grades – Brandão, D. P., *Obra de Talha Dourada, Ensamblagem e Pintura na Cidade e na Diocese do Porto*, Porto, Diocese do Porto, 1984, vol. I, refere na documentação publicada relativa a obra de ensamblagem e de talha, entre 1572 e 1641/42, 8 contratos relativos à encomendas de grades, para o Mosteiro da Serra do Pilar, a Santa Casa da Misericórdia do Porto, a Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, a Ordem Terceira de S. Francisco no Porto. O mestre que contrata em 1627 a obra de Guimarães, em pau do Brasil, é Francisco Moreira que aparece ligado ao fornecimento para a sala das sessões do Senado do Porto, do apainelado para a pintura do retábulo de S. Sebastião, adiante referido.

¹² Graham, C., *Ceremonial and Commemorative Chairs in Great-Britain*, p. 5/6, refere que pouco mobiliário medieval e renascentista chegou até nós, mas que através da documentação e das ilustrações somos levados a crer que mesmo a gente relativamente modesta possuiria cadeiras em suas casas. No entanto, o facto de possuírem cadeiras em suas casas não quereria dizer que tivessem direito a uma cadeira numa assembleia pública. Aí, as regras de precedência social criam uma hierarquia no sentar, tendo em linha de conta o conforto, e a necessidade de visibilidade: Uma cadeira com espaldar e braços figurava acima de um banco ou de um tamborete. E por sua vez um banco ou um tamborete seriam preferíveis a sentar-se no chão. Nos confins desta hierarquia existem ainda distinções suplementares não definidas pela forma do assento, mas através de outras marcas do “estado” que a podiam acompanhar, como por exemplo a elevação do assento sobre degraus ou uma plataforma, o supedâneo, o recurso a uma decoração simbólica, o recurso a matérias-primas preciosas. Deve considerar-se igualmente o papel importante desempenhado por têxteis sumptuosos, por exemplo no docel, ou nas cortinas que o acompanham.

¹³ Silva, F. R. op. cit., p. 359.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Marques, M. L. V. S. P., *Mobiliário Português de Aparato do séc. XVIII – Credências, Consolas e Tremós*, Porto, FLUP, 1997, vol. I, p. 11/13, cita por exemplo a definição de mesa de Reyniès, N., op. cit., como um móvel constituído basicamente por um plano horizontal (o Tampo) situado à altura própria para o apoio (em posição sentada ou em pé), ou situado mais abaixo; acrescenta que nos inventários a designação de “bancas” corresponde às mesas.

Podemos ainda referir que se trata de uma peça de mobiliário usada provavelmente desde tempos pré-históricos, os exemplares mais antigos conhecidos provêm do Egípto faraónico. A mesa é uma tipologia constante no mobiliário de inúmeras culturas, e segue estilos diferentes, destinando-se a finalidades muito diversas. A mesa pode servir para colocar, de forma provisória ou permanente diversos objectos, ou pode servir ainda para suportar outro móvel. Pode ser feita em diversas matérias-primas, e pode incluir equipamento para armazenamento ou guarda. Os

Decoração móvel

– Tecidos

- Pano de mesa¹⁸ – colocação sobre a mesa grande do Senado, de cor verde¹⁹, substituído todos os 3 anos, revertendo por direito consuetudinário, depois do uso, ao Guarda da Câmara²⁰;

Pintura

Encomenda de um tríptico²¹ – 1604

pés, considerados de importância secundária, vão evoluindo segundo as modas. Na época medieval a mesa era uma estrutura simples, formada por um tampo amovível assente sobre uma trempe, usada sobretudo para as refeições. Mais tarde, as mesas vão desempenhar um papel importante no recheio dos salões no âmbito das classes privilegiadas, surgindo tanto nos aposentos de recepção, como em aposentos mais privados, como os quartos de dormir.

¹⁶ Silva, F. R., op. cit., p. 359.

¹⁷ Idem, p. 360.

¹⁸ Ferrão, B., *Mobiliário Português*, vol. IV, apresenta em vários inventários do séc. XVI/XVII designações de “panos de escritório”, “panos de mesa”, “alcatifas pequenas de mesa”. Pinto, M. H. M., *Artes Decorativas Portuguesas no Museu Nacional de Arte Antiga – séculos XV/XVIII*, Lisboa, 1979, p. 42, a respeito de mesas designadas como bufetes refere revestimentos de tecidos ricos, coberturas com alcatifas da Índia, com tapetes de Arraiolos, ou com couros dourados e pintados – os guadamecins.

Reyniès, N., op. cit., vol. I, p. 24 refere no capítulo das guarnições de mesa (“*les garnitures de table*”) as alcatifas de mesa (“*tapis de table*”). Feray, J., op. cit. p. 71/349, refere a utilização dos “*tapis de table*” entre o séc. XV e o séc. XIX. A participação da decoração têxtil nos interiores representava o essencial do conforto doméstico. Muitas vezes tratava-se de grandes séries condizentes, que podiam incluir : panos de armar para as paredes, os sobrecéus e cortinas das camas, as guarnições dos assentos, os guarda-portas, as almofadas, os tapetes de mesa, os coxins. No séc. XVII, as mesas, muitas vezes compostas de um simples tampo colocado sobre uma trempe, são montadas nos quartos ou nas ante-câmaras para as refeições. Os panos de mesa, ou “*tapis de table*” variavam consoante a utilização, identificando por exemplo um pano de linho para a higiene, um pano de lã para jogar, um pano de burel para escrever, ou ainda com tapetes da Turquia ou ricos tecidos com galões ou franjas, deixando as pernas à vista, ou chegando até ao chão. Estes tapetes podiam igualmente ser feitos em 5 partes, com um tampo e 4 partes laterais, abertas nos cantos e atadas, dando a aparência de um cubo.

A título de curiosidade pode notar-se a presença, já anteriormente referida, em Berna, em 1685/88, de um tapete de mesa destinado a cobrir a mesa do escrivão da sala do Pequeno Conselho, ainda existente no Museu de História de Berna, inv. 444, feito em tapeçaria de liço, executada por emigrantes huguenotes franceses, instalados na cidade, após a revogação em França do Édito de Nantes, *Emblèmes de la Liberté – l’image de la république dans l’art du XVIe au Xxe siècle*, n. 216, p. 358.

¹⁹ Na história das Artes Decorativas europeias existem repetidas referências a uma hierarquia das cores, o 1º lugar caberia ao vermelho carmesim, em segundo lugar poderia figurar por exemplo o verde. Feray, J., op. cit., p. 138, no que respeita à 2ª metade do séc. XVII, refere que em França, desde o reinado de Louis XIII, o “carmesim real” tornara-se a cor oficial dos aposentos de aparato, nomeadamente no caso dos “quartos de aparato”. Pinto, M. H. M., op. cit., p. 46, indica também, ao nível das cores, nas guarnições de têxteis, a prevalência do veludo carmesim, embora também se recorresse ao damasco, verde, roxo e branco.

Paralelamente a uma hierarquia das cores, existe uma hierarquia dos tecidos. A este respeito Guber, A.-C., *Les décors de table éphémères aux XVIIe et XVIIIe siècles*, p. 286, refere que as matérias-primas das toalhas eram sempre seleccionadas segundo regras de etiqueta estabelecidas segundo uma verdadeira hierarquia dos tecidos – segundos as quais, por exemplo, o veludo teria a precedência sobre um tecido de seda.

²⁰ Silva, F. R., op. cit., p. 359.

²¹ O que será um tríptico em pintura? Carr, D. W., Leonard, M., *Looking at Paintings – a guide to technical terms*, Malibu & London, The J. Paul Getty Museum/The British Museum Press, 1992, p. 72, apresenta uma proposta de definição – Pintura que compreende três painéis, geralmente

- Pintura a óleo²² sobre madeira, com 5,20x 4 metros, de folhas separadas – colocação – correndo em volta da mesa, os 3 painéis separados por duas janelas²³;
- O painel central figura Nossa Senhora e o Menino, entre torres²⁴, com 2 anjos e uma coroa²⁵;
- Os painéis laterais figuram uma anjo cada, um segurando o escudo, o outro uma esfera²⁶;
- O suporte de madeira foi fornecido por Baltasar Gonçalves, carpinteiro²⁷;
- A obra de pintura foi executada por Inácio Ferraz de Figueiroa²⁸;

ligados por dobradiças. Na sua forma mais comum o painel central tem o dobro da largura dos painéis exteriores (ou volantes) de forma a que pudessem ser dobrados fechando o tríptico e protegendo as imagens. Quando era feito para estar em posição fechada, as superfícies exteriores eram igualmente decoradas. À semelhança do díptico, o tríptico era uma forma muito divulgada para um objecto de devoção portátil, mas era também vulgarmente empregue em retábulos de grande escala. Uma fórmula padrão recorre a uma imagem da Virgem e o Menino no painel central, com os santos patronos dos doadores nos volantes.

²² O que será uma pintura a óleo ? Carr, D. W., Leonard, M., op. cit., p.48, refere na entrada respeitante a óleo – O termo refere-se em geral a um óleo usado como ligante em pintura. O óleo implica geralmente o recurso a óleo de linhaça, mas pode igualmente referir-se a vários outros óleos de secagem : o óleo de noz, por exemplo que foi usado na pintura primitiva italiana, ou o óleo de sementes de papoila que foi um favorito com os pintores franceses do séc. XVIII. Os óleos secantes são diferentes dos óleos não secantes (tais como o azeite ou o óleo de girassol) devido à sua capacidade única de formar uma película sólida por uma prolongada exposição ao ar. A natureza rica e luminosa dos óleos e a sua aparência levaram à sua utilização como ligantes na pintura. A utilização de óleos como ligantes para os pigmentos em pintura pode ser retracada desde os secs. V e VI. (Antes desta época, as antigas referências ao óleo apenas respeitam à sua utilização associada à culinária, aos cosméticos, e aos remédios). No início da Renascença, os óleos são usados em combinação com outros ligantes de pintura, em especial em pinturas com vernizes transparentes e têmpera de ovo. Durante o séc. XV as técnicas da pintura a óleo são aperfeiçoadas (em especial na Europa do Norte, por artistas como os van Eycks) e pelo início do séc. XVI o óleo tornara-se no ligante predominante na pintura.

²³ Silva, F. R., op. cit., p. 359.

²⁴ A sala do Pequeno Conselho do edifício da Câmara de Berna, incluía, entre as pinturas murais encomendadas nos meados do séc. XV, as armas da cidade.

²⁵ Idem. Mobius, H., “Images de femmes pour la république” in *Emblèmes de la Liberté – l’image de la république dans l’art du XVIe au Xxe siècle*, p. 64/65 refere a necessidade das comunidades em suportes visuais de identificação. As personificações das cidades, usadas inicialmente como emblemas tornaram-se em figuras que apelavam à sensibilidade e à emoção. Essa transposição seria uma maneira de envolver a comunidade dos burgueses num ideal comum, e de construir uma ligação a esse ideal, através de laços afectivos, e sem expor um detentor verdadeiro do poder. Este ideal deveria ser ao mesmo tempo, suficientemente abstracto e suficientemente concreto, devendo igualmente revestir-se de beleza e de perfeição. O papel proeminente da Virgem Maria durante a Idade Média, vai reaparecer seguidamente neste contexto : a pureza da Virgem, o amor, a misericórdia, a força da Mãe portadora da vida, e a beleza da mulher, tinham composto este modelo de integração poderosíssimo.

²⁶ Silva, F. R., op. cit., p. 359.

²⁷ Idem. Baltasar Gonçalves vem referido em Brandão, D. P., op. cit., vol. I, no que respeita a 2 contratos relativos a obra de carpintaria, nº 71, p. 162, e nº 83, p. 180, para um retábulo na Igreja conventual de S. Francisco; e quanto a um armário e taburno para a sala grande da Misericórdia.

²⁸ Silva, F. R., op. cit., p. 359. Inácio Ferraz de Figueiroa vem referido nos contratos publicados por Brandão, D. P., op. cit., vol. I, ns. 92, p. 192; n.93, p. 193; n.98, p. 200; n.104, p. 210; e n.106, p. 213, relativos às encomendas da Câmara, e em 1612 a do retábulo da Porciúncula na

Encomenda de um painel – 1604

- Pintura a óleo sobre madeira ²⁹;
- Representando S. Pantaleão ³⁰;
- O suporte de madeira foi fornecido por Baltasar Gonçalves, carpinteiro;
- A obra de pintura foi executada por Inácio Ferraz de Figueiroa, pintor;

Restauro de um painel pintado – 1604

- Pintura a óleo sobre madeira ³¹;
- Representando Nossa Senhora ³² – colocação – na escada que subia para a Câmara;
- O suporte de madeira foi fornecido por Baltasar Gonçalves, carpinteiro;
- A obra de pintura foi executada por Inácio Ferraz de Figueiroa, pintor;

Encomenda de um retábulo – 1607

- Pintura a óleo sobre madeira ³³;
- Representando S. Sebastião ³⁴ – colocação – na parede Norte da sala das sessões ³⁵;

Igreja Conventual de S. Francisco no Porto, e em 1613 da colaboração em 12 painéis com a Paixão de Cristo para a Santa Casa da Misericórdia do Porto. Serrão, V., “Entre a Maniera moderna e a ideia do Decoro : bravura e conformismo na pintura do Maneirismo Português”, in *A Pintura Maneirista em Portugal – Arte no tempo de Camões*, Lisboa, CNCDP, 1995, p. 39/40, refere este pintor entre os expoentes da “escola” de pintura Maneirista portuense.

²⁹ Silva, F. R., op. cit., p. 360.

³⁰ Idem. p. 360.

Em 1949 a CMP organiza uma comemoração festiva em honra de São Pantaleão, Padroeiro da Cidade do Porto. Alguns dos textos produzidos neste contexto estão publicados no Boletim Cultural da CMP, vol. XII, fascículos 3-4, p. 5 a 37, com autorias de Rocha, S., Pina, L., Ferreira, J. A., Archer N.; as comemorações incluíram uma exposição temporária, cuja lista de objectos e de livros vem publicada p. 32/37.

Coutinho, B. X., *A Arte, in História da Cidade do Porto*, Porto, Portucalense editora, 1964, vol. II – O séc. XV: “Uma República Urbana”, p. 285/428, refere a respeito do Relicário de S. Pantaleão, que os restos mortais deste santo, guardados em Constantinopla até 1453, teriam sido trazidos para o Porto por um grupo de arménios, que as entregam à igreja de Miragaia, uma das 3 paróquias fora de muros do Porto. Em 1499 o corpo seria trasladado para a Sé. Na procissão da trasladação o bispo, D. Diogo de Sousa levaria o busto de prata com parte do osso frontal, ainda existente, actualmente parte das colecções do Museu Nacional de Soares dos Reis.

Alarcão, T., Macedo, F., Soalheiro, J., “Fragmento de tecido”, in *Cristo, fonte de esperança*, Porto, Diocese do Porto, 2000, n. 201, p. 310, referem que o fragmento de tecido existente no interior do busto-relicário está em estudo, tendo sido apresentada a datação provisória – séc. XIII, termo *ad quem*.

Ver igualmente Martins, F. S., Os Santos Protectores à Luz da Hagiologia, in *Museu*, IV série, nº 9, 2000, p. 182, quadro relativo aos 14 Santos Auxiliadores, nº 3, p. 183, e p. 184/186.

Curiosamente, a sala do Pequeno Conselho no edifício da Câmara de Berna, desde meados do séc. XV, recebe uma decoração com pinturas murais, entre as quais a figuração do santo protector da cidade.

³¹ Silva, F. R., op. cit., p. 360.

³² Serrão, V., op. cit., p. 39/40, refere esta pintura na colecção do Museu Nacional de Soares dos Reis no Porto.

³³ Silva, F. R., op. cit., p. 360.

³⁴ Martins, F. S., artigo acima citado, refere São Sebastião como sendo invocado contra a peste. Ver igualmente Cuisenier, J. e Forestier, S., *Saint Sébastien – rituels et figures*, Paris, Réunion des Musées Nationaux, 1983, 2ª parte, capítulo 6 – Le saint thérapeute, onde se refere o seu papel de santo protector contra a peste.

³⁵ Idem.

- O suporte de madeira foi fornecido por Francisco Moreira, ensamblador³⁶;
 - A obra de pintura foi executada por Inácio Ferraz de Figueiroa, pintor;
- Encomenda de pintura de painéis – 1607
- Pintura a têmpera sobre madeira³⁷;
 - Representando folhagem³⁸;
 - O suporte de madeira foi fornecido por Francisco Moreira, ensamblador;

³⁶ Silva, F. R., op. cit., p. 360. Brandão, D. P., op. cit., vol. I refere 7 contratos com um mestre ensamblador, entalhador e imaginário Francisco Moreira, entre 1590/92 e 1627, respeitantes a retábulos, sacrários, grades, com obra por exemplo em Guimarães, na Santa Casa da Misericórdia e no Porto na Igreja Conventual de S. Francisco, p. 130/32; 162; 209/12; 217/22; 225; 231/32; 236/37.

³⁷ Silva, F. R., op. cit., p. 360. Brandão, D. P., op. cit., vol. I, p. 200, n. 98 refere a pintura a têmpera de painéis com folhagem.

O que será a pintura a têmpera ? Carr, D. W., Leonard, M., op.cit., p. 66, a respeito da têmpera refere ser um ligante de pintura à base de água, que ao secar produz uma superfície opaca com um brilho macio.

A têmpera de ovo é feita basicamente com gema de ovo (embora a clara do ovo também possa ser acrescentada). E a têmpera de cola é feita a partir de cola animal. As técnicas da têmpera de ovo teriam sido totalmente desenvolvidas no início da Renascença italiana. Apesar de o ovo ser praticamente substituído pelo óleo como o principal ligante da pintura, o interesse despertado pela têmpera de ovo foi reavivado no séc. XIX e chega aos nossos dias. Este ligante produz uma superfície dura, resistente, e algo lustrosa. A têmpera de ovo seca muito depressa e não pode ser pincelada de forma uniforme em grandes superfícies; o resultado disto revela-se no facto de as pinturas a têmpera de ovo serem pintadas com pinceladas repetidas, visíveis na forma de pequenas manchas na superfície acabada.

A têmpera de cola também seca dando origem a uma superfície mate, mas é mais frágil que a têmpera de ovo. Pode ser pintada em pequenas pinceladas, de modo semelhante ao da têmpera de ovo, mas a têmpera de cola presta-se melhor a revestir igualmente superfícies mais amplas.

³⁸ O que querará dizer esta designação de folhagem em obra de pintura a têmpera ? Na História da Arte a decoração de paredes com motivos de folhagens, de verdura, de jardins, é muito antiga. Na Antiguidade remonta ao Egipto faraónico e a Pompeia. Encontramos por exemplo pinturas a fresco provenientes de Pompeia com figuração de arvoredos e jardins, ilustradas em *Le Collezioni del Museo Nazionale di Napoli*, Leonardo, De Luca edizioni d'arte, 1989, *Le Pitture*, p. 142, n. 134, inv. 9719, atribuído ao IIIº estilo, que se inicia cerca do ano 20 a.C., e abrange os reinados de Tibério e Calígula.

Na Europa, na época medieval e moderna, um outro suporte de decoração mural, em que surge com frequência a representação de folhagem com uma designação própria ligada à folhagem, é a tapeçaria de liço com as “*verdure*”. Vilallet, N., *Tapisserie – Principes d’analyse scientifique*, Paris, Imprimerie Nationale, 1971, p.35, no seu capítulo dedicado ao vocabulário metódico e geral, refere no que respeita à “*verdure*” – Peças com uma dominante de verde, formada principalmente por vegetais (árvores, folhas, etc.) no meio dos quais podem aparecer animais, fundos de paisagem e por vezes pequenos personagens. Este termo não deve ser utilizado quando a peça inclui uma acção, personagens ou elementos arquitectónicos bastante importantes.

Em Portugal, em inventários de mobiliário, referências a obra em tapeçaria de liço com motivos de “*verdure*” vêm publicadas em Ferrão, B., op. cit., vol. IV, respeitantes ao séc. XVI. As designações na documentação referem “verdura darvoredos”, “verdura”, “boscageens e arvoredos”, “grandes arvoredos”, “boscages. Esta decoração aparece em vários tipos de objectos, por exemplo : bancais; cobricamas; frontais de altar; panos de armar. A clientela desta decoração, identificada pelos inventários, a percentagem de peças com esta decoração, e o tipo de objectos mencionados, leva a crer que a “*verdure*” ocupava uma posição secundária na arte da tapeçaria de liço, face à primazia da decoração de figuras.

A Casa Museu Guerra Junqueiro possui uma “*verdure*” de origem flamenga, da 2ª metade do séc. XVI, inv. 602.

- A obra de pintura foi executada por Inácio Ferraz de Figueiroa, pintor;
- Cartório
- Mobiliário
- Móveis de guarda ³⁹
- Caixas ⁴⁰
 - Caixas fortes de madeira com 4 fechaduras cada;
- Arcas ⁴¹
 - Arcas para guarda;
 - Arcas, fechadas com um mínimo de 3 chaves;
- Cofres ⁴²
 - Cofres necessários para as eleições e pelouros ⁴³;
 - Cofres encourados ⁴⁴, encomendados em 1597, com 5 chaves, para guardar os pelouros das eleições;

³⁹ Ward, G. W. R., *American Case Furniture in the Mabel Brady Garvan and Other Collections at Yale University*, New Haven, Yale University Press, 1988, p.4/5, refere a respeito do mobiliário de guarda – ter ao mesmo tempo uma função prática e uma função simbólica. A sua característica principal é a de ser concebido para conter outros objectos, para armazenar, para esconder da vista, para proteger, para organizar. Os seus módulos mais elementares são a caixa, e a gaveta (que não passa de uma caixa sem tampa). As suas expressões geométricas mais vulgares seriam o rectângulo e o quadrado. As suas variantes incluem desde as peças que oferecem um grande espaço aberto para um armazenamento indiferenciado, como é o caso das grandes arcas dos sécs. XVI e XVII, quer se trate de espaços muito diminutos, segundo fórmulas muito especializadas, como é o caso das caixas-farmácias. Esta grande família dá azo a estranhas vizinhanças, que vão de peças miniaturais a peças monumentais. Inclui assim : as caixas; as arcas; as cómodas; os toucadores; as papelarias; os móveis-bibliotecas; os aparadores; os louçeiros; os roupeiros; etc. Apesar do seu papel principal ser o de armazenar e conter, este papel vai ser partilhado com outras tipologias de mobiliário – podemos por exemplo encontrar gavetas em muitos exemplares de mesas e de cadeiras. Por outro lado a função das mesas, como objectos sobre os quais se trabalha, sobre os quais se come, ou sobre os quais se expõem objectos, também pode ser partilhada por móveis de guarda, por exemplo os tampos rebatíveis dos contadores e das cómodas papelarias, ou os topos dos armários e contadores como lugares para exposição de colecções de pratos, estanhos, vidros, cerâmicas, esculturas, etc. Igualmente, desde a época gótica que a superfície ampla e plana do tampo das arcas foi utilizada para sentar, para dormir, e para trabalhar. A natureza polivalente das várias formas é uma lembrança de que nem sempre se podem considerar fronteiras rígidas.

⁴⁰ Ward, G. W. R., op. cit., p. 57, define a caixa como o módulo-base do mobiliário de guarda, estando presente numa grande variedade de formas.

⁴¹ Idem, p. 81, refere que a arca é uma das formas de mobiliário mais antigas. Consiste basicamente numa caixa grande, com um tampo dotado de dobradiças, concebida para o armazenamento de têxteis, de roupas, e de outros artigos. A maioria dos exemplares apresentam fechadura, e muitas possuem um compartimento com tampa, no interior, que proporciona um discreto espaço para guardar artigos pequenos que de outro modo seriam difíceis de localizar no espaço vasto, indiferenciado e aberto da carcaça.

⁴² Reyniès, N., op. cit., refere

⁴³ Capitani, F. de, *Emblèmes de la Liberté*, n° 220, p. 362, apresenta uma urna de eleição do séc. XVIII, na forma de uma pequena caixa de madeira.

⁴⁴ A adaptação de peles de animais a finalidades utilitárias é uma descoberta antiquíssima da humanidade, que as vai utilizar para se cobrir, para se abrigar, e para transportar os seus parcos haveres. Não se sabe ao certo quando ocorreu a descoberta do processo de provocar nas peles uma alteração química que lhes retira a possibilidade da putrefacção, garantindo-lhes ao mesmo tempo aquelas características de resistência e de maleabilidade que são exclusivas desta matéria-prima. No mobiliário, a aliança da madeira nas armações e do couro nos revestimentos ou guarções está documentada desde o Egito faraónico. O couro utilizado no mobiliário português,

- Cofre para o qual se encomenda um armário em 1610;
- Cofre de 3 chaves;

Armários ⁴⁵

- Armários – reformados em 1604 – destinados a guardar papéis e documentos;
- Armários fechados na sala das sessões dos Paços do Concelho;
- Armário para nele se guardar um cofre – encomenda em 1610 a Gonçalo António, mestre de carpintaria;
- Armários fechados no mínimo com 3 chaves;

O 1º Sobrado

– Sala das audiências/Tribunal

No 1º sobrado registam-se alguns dados ao nível da arquitectura de interiores/decoração, e mobiliário ⁴⁶:

Decoração arquitectónica

- Soalho de pinho ⁴⁷.

Decoração fixa

- A presença de uma divisória do espaço, com umas grades torneadas ⁴⁸;

Mobiliário

surge referido, por exemplo no séc. XVIII por Bluteau, R., *Vocabulario Portuguez e Latino*, tomo 2, p. 595, como designado segundo o nome de vários animais : vaca, novilho, bezerro e vitela, búfalo, anta; ou designado segundo o nome de várias regiões : Berberia, Olinda, Índia, Brasil, Moscóvia, França, Inglaterra, Holanda.

Exemplares de mobiliário de guarda com revestimento de couro estão publicados em *Europaische Lederarbeiten vom 14. Bis 19. Jahrhundert*, Berlin, Kunstgewerbemuseum, 1988, com datações propostas entre cerca de 1380 e 1700, e relativos a países como França, Áustria, Países Baixos, Espanha, Itália, Alemanha.

Também surgem exemplares de mobiliário de guarda com revestimento de couro ou pergaminho em França, ligados com a utilização de decoração em cobre esmaltado de Limoges, *L'Oeuvre de Limoges*, Paris, Réunion des Musées Nationaux, 1995, com peças datadas entre cerca de 1110 e 1270.

⁴⁵ Reyniès, N., op. cit., vol. I, p. 510, apresenta como definição de armário um móvel de arrumo ou de guarda, constituído por um ou vários corpos fechados, acessíveis através de uma ou de várias portas, que podem ser de correr, ou com cortinas, eventualmente justapostas ou sobrepostas, e incluindo prateleiras ou elementos de suspensão interiores, por vezes com gavetas interiores ou exteriores; podendo as prateleiras ser de correr.

⁴⁶ Silva, F R., op. cit., p. 360/361.

⁴⁷ Idem. Em Brandão, D. P., op. cit., por exemplo vols. II e IV, surge referência documentada à utilização de madeira de pinho, em Gaia e Cucujães, no séc. XVIII, relativa a pranchas, forro de coberta de escada, e soalho.

⁴⁸ Idem, p. 361. O torneado é uma técnica muito antiga, surgindo representações esculpidas, por exemplo na Assíria da Antiguidade, Payne, C., *Sotheby's Concise Encyclopedia of Furniture*, p. 14, de elementos de mobiliário que parecem torneados, não sendo no entanto certo o recurso ao torno, uma vez que o efeito torneado manualmente. No mobiliário europeu, a construção de mobiliário com base em elementos torneados está documentada desde o séc. XII e XIII, Hunt, J., *World Furniture*, p. 23, nº 47, e p. 22, nº 43, ou Graham, C., *Ceremonial and Commemorative Chairs*, p.23, nº 29. No séc. XVI surgem representações de elementos torneados em mobiliário tanto em tipologias mais elegantes como em tipologias mais vulgares. O torneado foi inclusive considerado como um elemento chave na caracterização de mobiliário tido ou designado como Ibérico, nomeadamente no caso de assentos ditos nos Países Baixos como “cadeiras de Espanha”, Fabri, R., *La chaise d'Espagne dans les Pays-Bas des 17e et 18e*, p. 29 a 38; ou ainda no caso do estilo dito “Nacional Português”, Smith, R. C., *Agostinho Marques” enxambrador da cônega*”, p. 24. A referência a obra de torno, surge em documentação consultada, no que respeita a móveis

– Móveis de Assento

- Cadeira de braços, com espaldar guarnecido, para o Juíz – colocação – no topo ⁴⁹;
- Assentos largos, em madeira de castanho, para os advogados; colocação : de um dos lados da mesa ⁵⁰;
- 2 Assentos dos tabeliães, com 4m. de comprimento; colocação – de ambos os lados da mesa dos tabeliães ⁵¹;

Mesas

- Mesa dobradiça ⁵²; colocação: diante da cadeira do Juíz ⁵³;
- Mesa dos tabeliães, com 4x0,80 m; colocação : entre os assentos dos tabeliães ⁵⁴;

Pintura

- Painel, cujo assunto de desconhece ⁵⁵.

Loja com porta para a Rua de S. Sebastião

Obra de carpintaria em madeira de castanho forte, limpo, lavrado e seco ⁵⁶

– 1608 ⁵⁷

de assento, pelo menos até 1784, ver Antunes, M., *Mobiliário de Assento Civil da Casa Museu Guerra Junqueiro*, vol. I, p. 106.

⁴⁹ Silva, F. R., op. cit., p. 360.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Idem.

⁵² Reyniès, N., op. cit., vol. I, p. 13/16, identifica no mobiliário doméstico situações de mobilidade, ao nível de elementos constitutivos verticais, horizontais ou oblíquos, e outros diversos; e p. 290/306 as mesas com designações que se ligam aos suportes e travejamento, ao corpo da mesa, e as que se ligam ao tampo. Citando Havard, p. 306, é atribuído ao séc. XVI, o aparecimento de “mesas de esticar” cuja designação se liga com a mobilidade do tampo, sendo conhecidas como mesas “à italiana”, documentadas em inventários desde 1560; a invenção das mesas com tampo de esticar será talvez de atribuir a Jacques Androuet DuCerceau. Outro tipo de mesas com tampo dobradiço é referido p. 296, com as mesas sobre trempe, cujo tampo poderia ter várias partes, quer independentes, quer ligadas por dobradiças.

É provável que a mobilidade da mesa da sala de audiências do 1º sobrado do edifício da Câmara no Porto se ligue com o tampo.

Ferrão, B., op. cit., vol. IV, nos inventários mencionados surgem várias referências a “mesas de engonços”, por exemplo p. 215, relativa a Elvas em 1593.

⁵³ Silva, R., op. cit., p. 360.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Idem, p. 361.

⁵⁶ A variedade de madeira utilizada pode ser considerada como um dado tão importante em obra de ensablagem, que chegou a servir de base, por exemplo, para uma proposta de classificação no âmbito do mobiliário inglês, Macquoid, P., *A History of English Furniture*. A referência a madeira de castanho, no caso de Portugal, vem documentada, na arte de ensablagem, por exemplo em Smith. R. C., *The Art of Portugal*, p. 68, como sendo maioritária no nosso país e assim constituindo uma diferença importante com o que se passa no resto da Europa. Ver igualmente : Pinto, M. H. M., *Artes Decorativas Portuguesas no Museu Nacional de Arte Antiga – sécs. XV/XVIII*, p. 73.

Sobre as qualidades exigidas da madeira ver Ferreira-Alves, N. M., *A Arte da Talha no Porto na Época Barroca*, vol. I, p. 178/179. Em documentação publicada por Brandão, D. P., *Obra de Talha Dourada, de Ensablagem e Pintura na Cidade e na Diocese do Porto*, surgem referências, entre o séc. XVI e o séc. XVIII, às qualidades exigidas na madeira de castanho, por exemplo : são; seco; limpo; bom; liso; alvo; inteiriço; sem podridão; sem erro; sem defeito; sem nós; sem sâmago; sem alburno; sem rachadura; sem carnoz; sem remendos; sem bronzeamento; sem caibraduras; não sarinhento; que não seja pardo; nem bichoso; não levará casqueira.

⁵⁷ Idem.

- Executada por Domingos Rodrigues, carpinteiro ⁵⁸.

Servia de armazém de armas e munições da cidade.

Em relação a este período, não é clara a identificação dos enquadramentos físicos – arquitectura, arquitectura de interiores/decoração, mobiliário, que respeitavam à extensa lista de oficiais da Câmara publicados ⁵⁹:

- Os Almotacés ⁶⁰;
- O Síndico ⁶¹;
- O Solicitador ⁶²;
- O Guarda da Câmara ⁶³;
- Os Porteiros da Câmara ⁶⁴;
- O sector das Obras Públicas ⁶⁵;
- O sector do Abastecimento – Olheiros; Repesadores; Aferidor de pesos e medidas; Medidores e Medideiras ⁶⁶;
- Sector dos Serviços Técnicos e de utilidade pública – Relojoeiro; Tangedor do sino de correr; Chameleiros e Trombeteiros ⁶⁷;
- O sector da Saúde – Guarda-Mor da saúde; Escrivão da saúde; Meirinho da saúde; Médico da Câmara; Cirurgião da Câmara; Sangrador barbeiro; Boticário ⁶⁸;
- O sector das Finanças e Economia- Recebedores das sisas; Corretor de mercadorias ⁶⁹;
- O sector da Ordem Pública e Polícia – Alcaide pequeno; Meirinho; Quadrilheiros ⁷⁰;
- O sector das Comunicações Postais – Correio-Mor do Porto; Caminheiros ⁷¹.

À maneira de conclusão

Na cidade do Porto, até à segunda metade do séc. XX, o edifício da Câmara, enquanto exemplar de arquitectura pública, parece ter tido uma expressão modesta.

Entre o final do séc. XV e o final do século XVIII, o edifício da Câmara Municipal, apesar de se localizar próximo do ponto mais em evidência da

⁵⁸ Silva, F. R., op. cit., p. 361. Brandão, D. P., op. cit., vol. I, nº 415, p. 880, publica um contrato com um mestre entalhador Domingos Rodrigues, em 1699, na obra de um retábulo do Senhor dos Passos, para a Igreja de S. João da Foz.

⁵⁹ Silva, F. R., op. cit., vol. II, p. 567/692.

⁶⁰ Idem, vol. II, capítulo VIII, p. 567/594.

⁶¹ Idem, capítulo IX, p. 595/609.

⁶² Idem, p. 609/616.

⁶³ Idem, capítulo X, p. 617/623.

⁶⁴ Idem, p. 623/629.

⁶⁵ Idem, capítulo XI-A, p. 629/631.

⁶⁶ Idem, capítulo XI-B, p. 631/639.

⁶⁷ Idem, capítulo XI-C, p. 639/644.

⁶⁸ Idem, capítulo XI-D, p. 644/657.

⁶⁹ Idem, capítulo XI-E, p. 657/667.

⁷⁰ Idem, capítulo XI-F, p. 667/684.

⁷¹ Idem, capítulo XI-G, p. 684/692.

Cidade, não consegue rivalizar em volumetria, ou na qualidade e investimento artísticos com a Catedral, ou com a massa arquitectónica da maioria dos edifícios eclesiásticos, em particular com o designado núcleo episcopal, que inclui a Casa do Cabido, o Paço Episcopal, e as residências de capitulares nas proximidades.

O perfil da cidade do Porto, até ao séc. XX, não foi marcado pelo edifício da Câmara, nem de qualquer outro edifício municipal.

E mesmo na segunda metade do séc. XVIII, quando surgem no Porto exemplos importantes de edifícios de arquitectura pública – prisões, tribunais, teatros, hospitais, quartéis – o edifício da Câmara, não só não conhece qualquer melhoria, como assiste mesmo à sua total decadência.

O colapso do edifício da Câmara vai estar inclusive na origem de um “período errante” em que a Câmara vai ocupar nomeadamente edifícios de arquitectura monástica, e de arquitectura doméstica civil ou eclesiástica, que apenas terminaria em 1957 com a instalação em novo edifício.

Anexo documental

Documento nº 1, sem data, Arquivo Histórico Municipal do Porto (A.H.M.P.), registo geral 785, f. 130 e 130 v.

“TITOLLO DA FABRICA DO SENADO DA CAMARA

Hum palio de brocado branco

Hum palio de tenilha branca

Seis varas de prata dos palios asima refferidos

Huma bandeira que vay nas pcissoes (sic) da çidade de damasco vermelho borlada, e as armas da cidade no meyo della, tambem borladas

O guião que o procurador da cidade do anno passado leva nas pcissões (sic) della, o quoa e de damasco vermelho

A bandeira que leva o sindaco da camara nas pcissões (sic) de S. Pantalião padroeiro da cidade a quoa tem no meyo a imagem do ditto sancto

Duas astes de pau, em que vai o guião e bandeiras assima refferidas, nas pcissoes (sic) da cidade

Huma crus de prata que e remate da bandeira de S. Pantaliã

Humas baetas com que se goardam, e embrulhão os palios de brocado, e tenilha

Oito cadeiras de velludo carmesim com suas franjas de ouro, e pregaria sobre dourada

4 castiçais de prata que servem na meza do senado da camara quando nelle se assiste de noite, e se não vê por donde se escreve

Dous sellos de prata das armas da cidade com os cabos de marfim, hum mayor e outro mais pequeno

Huma cadeira de espaldas de couro pretto

Hum bofete de paú pretto marchetado de marfim

Outro bofete de pau de castanho já velho com huã gaveta do comprimento do bufete

Huã arca em que se recolhem e estam estendidos os palios, bandeiras e guião da cidade

Outro bufete, ou meza de castanho de quatro pes sem gavetas

Hum arquibanco em que se recolhem as seis varas de prata dos palios

Hum banco de castanho de emcosto em que estão algumas ballas de ferro de artelharia, grilhões, [termo de leitura difícil], cadeados, e algemas

Dous bancos de emcosto estofados, hum em bom uso e outro já velho

Bancos ou escabellos de pinho em que se sentam os cidadãos em as funcois, e occasoes que são chamados ao senado da Camara

Hum panno de damasco vermelho com sua goarda de carneiro e com hum tafeta que tudo e da mesa em que assistem os senhores vereadores, e mais officiais no senado da Camara com franjas e maçanetas de ouro

Outro panno de damasco vermelho tambem com franjas e massanetas de ouro que serve nas occasoes que os cidadoes vão votar a Camara”

Documento nº 2, 1705.12.30, A.H.M.P., registo geral nº 1196, f. 118 a 119 v.

“ INVENTARIO DOS MOVEIS QUE HAA DENTRO DAS PORTAS DESTA CAMERA EMCARREGADAS AO GOARDA DELLA

Anno do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo de mil e setecentos e sinco annos aos trinta dias do mês de dezembro do dito anno nesta cidade do Porto e casa do senado da Camera aonde forão vindos o Doutor Francisco da Silva Coimbra juiz de fora do geral nesta dita cidade do Porto e seu termo com o vereador Pantallião de Gouvea Delgado e o procurador da cidade João Machado Portella para efeito de ser inventariados todos os moveis que ha dentro desta caza da Camera emcarregados ao goarda della Antonio de Magalhães por assim se assentar na vereação passada e se fez na forma seguinte de que tudo se fez este acto que assignarao Joseph Pitta Calheiros escrevi

Prata

Seis castiçais de prata grandes de feitio antigo e lizos que servem na festa do invicto martir São Pantalião e na vespera e dia de Janeiro em S. Domingos na festa do Senhor Jesus (sic)

quatro castiçais de buuias (sic) lizos, com as armas da cidade

quatro jogos de tinteiros com suas poeiras e cobertouras com seus pratos compridos os quais dois são maiores e tem cada hum destes dois hua candella de bracos (sic) com suas rapaduras e todos os quatro pratos e as duas candellas tem as armas da cidade

Hum sinete de marfim com engaste de prata com as armas da cidade

Huma crus de prata que vay sobre a bandeira do anjo

Seis varas de prata do pallio de feitio antigo lizas e ja uzadas

Prata que he da Camera e está fora

Dois lampadarios que estão na capella mor da See para alomiar ao invicto Martir São Pantallião

Mais o sello da cidade que custuma estar na mão dos vereadores mais velhos que acabão

Moveis

Hum pallio de tella branca com alguãs roturas e forrado de tafeté vermelho com franja de ouro ao redor

Huma bandeira grande que he a da cidade com as armas della bordadas de ouro e de damasco

Huma bandeira de damasco do anjo São Miguel bor digo com sua goarnissão de ouro

Hum guião de damasco vermelho que levam os procuradores da cidade que a [*] nas prossiçoens com hum P[*] bordado no meio e goarnessido de ouro

Huma bandeira que leva o sindico nas prossiçoens de São Pantalião que tem no meio a imagem do dito santo e tão bem leva a da prossição do anjo e São Sebastião

Hum panno de damasco vermelho da mesa redonda com sua goarnissão de ouro e caveado

Hum panno da mesma sorte que cobre a meza do sennado

Huma campainha de latão nova

Huma tisoura grande

Hum livro de dar os juramentos com seus pregos e feixos de prata

Oito cadeiras de velludo vermelho com pregaria dourada e franjas de ouro e uzadas

Oito cadeiras razas de velludo preto com franjas de ouro em bom uso

Dezasseis capas de carneira para estas cadeiras

Quatro bancos de couro com pregaria meuda que são da mesa redonda

Huma mesa redonda com suas gavetas

Hum bofete de pao preto marchetado de marfim com duas gavetas

Tres bancos de encosto novos por cobrir

Hum bofete de castanho velho com huma gaveta grande

Hum caixão de goardar as bandeiras da cidade

Hum brazeiro de ferro

Hum banco velho donde se assentão os procuradores do povo

Hum banco de pinho

E não se faz menssão dos livros e mais papeis que se achão na goardaroupa grande de oito chaves por estarem emventariados com clareza neste mesmo livro

Declarassão

E se achou que suposto havia mais hum pallio velho de bocado fora dado ao dito goarda por despacho do senado da Camera de trinta de junho de mil sete centos que mostrou no acto deste emventario e se lhe tornou a entregar e feito assim

E feito assim este emventario e disquissão foram logo entregues todos os moveis e prata assima digo

Mais moveis

Um cofre dos pellouros dos almotasses com seis chaves com sua bolsa de velludo caramazim

Hum padrão deste conselho de bronze com suas armas reais que peza hum quintal e principia (sic) de meia outava

Hum canado de cobre de canada para baixo

Hum padrão de medida nova de el Rey D. Sebastiam de bronze – de alqueire para baixo

Hum padrão de ferro de aferir varas e covados

Meio almude de cobre de aferir

Raza e meia raza de cobre para aferir

Canada e meia canada de cobre para aferir

estes moveis das tres [*] estão em poder de Luis de Gouvea Rebello escrevente (sic) este sennado e aferidor de medidas

Quoatro chaves douradas das portas da cidade

E feita assim esta desquirição e emventario forão logo entregues todas as pessos de prata e mais moveis assima descritos ao goarda Antonio de Magalhaes que se obrigou por sua pessoa e bens moveis e de raiz a dar delles conta todas as vezes que fosse mandado excepto do sello da Camara que esta em poder do vereador mais velho do anno passado e dos does lampadarios que sestão na capella mor da See e as tres [*] que carregavam sobre Luiz de Souza Rebello como se declara na pee delles e pera tudo constar mandarão fazer este termo que assignarão e o dito goarda e escrevente Luis de Souza Rebello pello que lhe toca Joseph Pitta Calheiros.

Antonio de Magalhaes

João Machado Portella

Francisco da Silva Coimbra

[*]de Souza Delgado

Luis de Souza Rebello”

Documento nº 3, 1706.02.05, A.H.M.P., registo geral nº 1196, f. 120

“ TERMO DE ENTREGUA DOS BENS ATRAS INVENTARIADOS A JOSEPH PESSOA SERVENTUARIO DO OFISIO DE GOARDA DA CAMARA

Aos sinco dias do mês de Fevereiro de mil setecentos e seis annos nesta cidade do Porto e casa da Camara della em presencia do doutor juiz de fora appareceu presente Joseph Pessoa provido na serventia do ofisio de goarda ao qual se fez a entrega de todos os bens da dita Camara atras inventariados excepto da cruz de prata que vai no giam (sic) das procissões e de quatro castisais de prata grandes que destas pesas se lhe não fez entrega por não serem achados nesta Camara e de todos os mais bens ouve por entregues ao dito serventuario da goarda que delles se deu por entregues e obrigou dra delles conta por sua pessoa e bens todas as vezes que por ordem do senado da Camara lhe fosse ordenado de que fiz este termo que ele assignou com o doutor juiz de fora e eu Manoel Guimarães [*] escrivam do juizo de fora do geral

Aos vinte dias do mês de fevereiro de mil setecentos e seis nesta cidade do Porto na caza da Camara ahi foi levantada a suspensão a Antonio de Magalhaens goarda della a qual se deu por entregue do que tenha Joseph Pessoa o qual por este termo o havi por desobrigado com a Antonio de Magalhaes”

Documento nº 4, 1722.04.20, A.H.M.P., registo geral nº 1196, f. 120 v, 121

“TERMO DE DECLARASSÃO DO INVENTARIO RETRO

Aos vinte dias do mês de Abril de mil setecentos e vinte e dois annos nesta cidade do Porto e caza da Camara della onde foram juntos o doutor juiz de fora do geral e vereadores adiante asinados com assistencia do procurador da cidade para efeito de verem o inventario retro de que fiz de prata e alfaias e mais cousas que foram entregues ao goarda Antonio de Magalhaes do estado em que se achavam [*] o que fizeram pelaa maneira seguinte

Acharam que os bens caregados no dito inventario se achavam em [*] os bens abaixo declarados que faltam e outros que caducaram

Faltam dois castiçais grandes de prata dos [*] de S. Pantaliam de que o dito goarda deve dar conta

Faltam os quatro rapadouros de prata dos quatro tinteiros da mesa [*] de que o dito goarda deve dar conta

Acharam tambem caducados os dois panos de damasco vermelho da mesa redonda da mesma do despacho e em lugar destes reformaram [*] mesa do despacho [*] de damasco vermelho com franja de ouro e por cima cobertos de carneiras pretas

Acharam que as oito cadeiras de beludo vermelho com pergadeira dourada [*] caducada e em lugar destas se fizeram outras oito cadeiras

Outras oito cadeiras que existem sem pergadeiras [*] cobertas de olandilha [*] de beludo caramezim com franjois de ouro

Acharam que as oito capas de carneira das cadeiras [*]

Acharam quatro bancos de encosto [*] pergadura [*]

Acharam que o bofete de castanho velho

Se fez outro [*] se fizeram dois bancos de encosto [*] o dito goarda

Acharam que os bancos [*] se assentam os procuradores do povo em lugar dele [*] outro de encosto pintado

Falta o padram de bronze com as armas reais del rei Dom Sebastiam de alqieure para baixo de que deve dar conta o dito goarda

Seis cortinhas (sic) de damasco encarnado com sua guarnissam de prata das imagens que estão por detras da mesa com uma sanefa que [*] as ditas cortinhas dos quais estão duas usadas

Duas cortinas da mesma sorte do coadro de Nossa Senhora da Conceiçam com sua sanefa do mesmo

Hum palio de [*] com suas varas de pau douradas [*] com guarniçam de ouro

E dogo outrosi um pano verde de lam [*] com sua franja de seda que cobre a mesa em que escrevi ou escrevem

E por esta maneira houveram por feito o dito [*] que o dito goarda Antonio de Magalae em termo de oito dias requere se as peças que faltam i mais cousas

Que sera notificado de que tudo mandaram [*] termo que assinaram eu Bento Pacheco [*] Ribeiro escrivão da Camara o escrevi”

Documento nº 5, 1724.07.29, A.H.M.P., registo geral nº 1196, f. 121 v, 122.

“DECLARAÇÃO DAS PESSAS QUE ACRESERÃO E RESTITUIRÃO

Aos vinte e nove dias do mes de Julho de mil e setecentos e vinte e quatro annos nesta cidade do Porto e caza da Camara della aonde estavam em vereação o doutor juiz de fora e vereadores

actuais com assistencia do procurador da cidade ahi por elles foi mandado fazer esta declaração das peggas que acreceram ao inventario e se restituiram as que faltavam pela maneira seguinte

Restituhio o goarda que foi Antonio de Magalhães os dois castiçais do altar de Sam Pantaliam que faltavã

Restituhio mais o dito goarda os oito rapadouros aos tiinteiros e poheiras de prata que faltavam

Acrec[e]rão huma campainha de prata para a mesa e huma tisoura de espivitar tambem de pratã que pesarão dois marcos e seis onças e quatro oitavas que com o feito emportaram vinte mil setecentos e cincoenta reis

Fizeram-se oito cadeiras rasas de veludo azul com pregaria de bronze dourada e franjam de oiro e capas de carneira em lugar das que havia por estarem já velhas e emcapazes [*] ouveram o dito goarda por desobrigado

As quais peggas e bens mandaram entregar a Joam Pinto que [*] goarda desta Camara que delles tomou entrega e se obrigava a dar conta dellas como fiel depositario [*] por seus bens [*] mandaram fazer este termo que [*] e assinaram e eu Luiz [*] o escrevi”

Documento nº 6, 1724.08.26, A.H.M.P., registo geral nº 1196, f. 122.

“TERMO DE ENTREGA DOS BENS CAREGADOS NESTE INVENTARIO

Aos vinte e seis dias do mes de Agosto de mil stecentos e vinte e quatro annos nesta cidade do Porto e casa da Camara della onde estavam em vereação o doutor juiz de fora e vereadores abaixo asinados com a assistencia do procurador desta cidade e ahi por eles foi mandado a Joam Pinto Fajão que ate o presente serviu de goarda desta Camara fizesse entrega a Francisco de Oliveira a quem tinham provido na serventia do dito officio por desestencia do dito João Pinto de todas as peggas de prata e mais alfaias e ebns [*] entregues [*] no inventario e mais [*] e logo o dito João Pinto fez de tudo [*] e o dito Francisco de Oliveira tudo recebeu [*] inventario”

Documento nº 7, 1800.05.17, A.H.M.P., registo geral nº 1196, f.122v a 125.

“INVENTARIO DOS MOVEIS QUE SE ACHARÃO NA CAZA DO SENADO DA CAMARA POR FALECIMENTO DO GUARDA DO MESMO SENADO FRANCISCO JOSE RIBEIRO GUIMARÃES QUE SÃO OS SEGUINTES

Inventario e entrega

Hum paleo de seda branca tecido de ouro com oito laços e oito varas douradas com suas massanetas e cordoes respectivos

Outro dito encarnado de damasco com seis respectivos cordões de seis varas

Outro dito roixo com seus respectivos cordões de seis varas

Outro dito branco com seus respectivos cordoes

Outro dito de seda branco velho que já não serve de seis varas

Outro dito de seda muito velho que serve de embrulhar o primeiro acima dito

Bem entendido que as varas que servem nestes paleos a excepção do primeiro atrás dito são somente dez

Huma bandeira encarnada do Anjo S. Miguel com seus cordoes

Huma bandeira com sua cruz de prata de Sam Pantaliao a que vai o doutor sindico

Outra dita a que pegão os guardas mores da saude

Outra dita a que pega o procurador da cidade chamada do estoque com suas respectivas varas

Duas bandeiras encarnadas lizas huã a que vai o procurador da cidade immediato e ainda os guardas mores da saude e com seus respectivos cordões

Moveis pertencentes ao Altar

Huma cruz de prata

Hum calix de prata dourado e sua patena tambem dourada

Hum prato com suas galhetas de prata
 Seis castiçais velhos grandes do altar
 Huma lampada do altar de prata e copo de cobre
 Quatro castiçais de prata da meza grande e tizoura
 Quatro pratos, quatro tinteiros, e quatro areeiros tudo de prata
 Huma campainha de prata
 Duas caixinhas para obreias
 Hum sello de prata
 Quatro varas do palleo de prata
 Hum missal com sua estante
 Tres sacras
 Duas pedras de ara
 Um frontal encarnado com galão de ouro
 Duas cortinas do dito
 Duas vistimentas, huã de damasco branco com galões amarellos, e outra encarnada com galões amarellos
 Huma alva com seus cordoes
 Huma toalha do Altar
 Huma do Lavatorio
 Hum amito
 Huma bolsa dos corporaes branca com os corporaes outra dita vermelha com os corporaes
 Dois pannos do missal hum encarnado outro branco
 Duas almofadas do altar huma branca outra vermelha
 Oito cadeiras de encosto de sola com pregaria miuda com suas respectivas capas, oito encarnadas oito roixas
 Mais dezasseis massanetas de fio de ouro que servem no paleo branco nas prossicoes ordinarias
 Mais um embrulho pequeno com alguns pedaços de franja de ouro velho
 Mais huns retalhos de seda tecida a ouro [*] do concerto do paleo
 Padroes
 Hum marco pequeno metido em huma caixinha
 Caixinha de pão com todos os pezos competentes
 Outro dito de bronze grande de quatro arrobas quatro tachos de cobre que são de medir o pom
 Huma meia raza de sal e huma meia quarta tudo de pão
 Huma argolla, meia argolla, e quarto de argolla de medir palha
 Huma manilha grande de medir a agua e outra pequena com as suas competentes pessas
 tudo de bronze
 Huma argolla de ferro
 Hum canado de meio almude de bronze
 Canada, meia canada, quartilho, e meio, tercilho e meio tercilho tudo de bronze
 Huma vara de ferro em que esta tambem o covado
 Quatro registos d'agoa
 Hum [*] de ferro ordinario com [*]
 Huma caixinha de pau com hum estojo de riche
 prata com petreixos de Engenheiro
 Dois ferros de marcar hu maior, outro pequeno
 Dois caixões hum em que se recolhem os paleos e outro azulado em que se recolhem defere-
 rentes moveis
 Huma urna de sortes de folha
 Dois tabardos velhos
 Huma bolsa de riso cor de laranja com seu cadeado
 Quatro copos de vidro, grandes com friso dourado
 Huma bandeja pequena acharuada
 Humas ovas (sic) encadernadas em beludo cramezim chapeadas de prata
 Huma mesa grande que e a da vereação com seu panno verde e guranição de damasco encarnado agaluado
 Tres bancos que servem na mesa da vereação hum grande e dois pequenos com seus encos-

tos forrados de damasco encarnado

Oito assentos de palhinha que servem nos mesmos bancos

Huma mesa pequena com seu panno verde, e dois mochos de couro chamada do doutor sindaco outra meza redonda com seu panno verde com sua guarnição de beludo carmesim

Oito moxos de beludo os assentos de azul claro

Oito moxos com assentos de palhinha

Oito assentos dos mesmos de damasco encarnado

Dezoito varas da vereação

Seis ditas pretas

Duas ditas do juiz de fora, e corregidor

Duas ditas brancas para os juizes de fora

Quatro tochas que servem nas prossições

Quatro bancos pintados de verde com fechaduras que estão na sala de espera

Duas mezas pequenas quadradas

Huma escrevaninha com seu moxo com assento de palhinha

Huma cadeira de encosto com assento de palhinha

Dois bancos de sola com encosto em que se sentam os cidadoes que vão as varas do paleo nas prossições

Hum armario com suas portas de vidrassas

Hum caixão em que se achão os livros e papeis da extinta administração das carnes fechado com hua chave e dois aluquetes

Um pedasso e huã cabeça de bronze de chafariz

Hum pelouro com tres fixaduras em que se guardão as pautas da vereação

Tres bancos de pinho razos hum delles em que se assentão os procuradores do povo indo a vereação

Huma caixa com as armas reais em que se deitam os requerimentos das partes

Hum cofre velho grande

Dois castiçais de estanho

Dois tinteiros e dois areeiros de estanho

Seis mappas da Europa em papel

Quatorze mappas encaixilhados de varios riscos da cidade cinco com vidros os mais sem elles

Dois mappas mais do risco do pelourinho

Hum fugareiro de ferro grande

Hum reposteiro da porta da vereação

Vinte e nove sacos de estopa novos

Hua chapa pequena de prata dourada com as armas reais pertence a bandeira de Sam Pantalhão

Declaração

Estes são os moveis, que forão achados por morte do guarda deste Senado Francisco Joze Ribeiro Guimarays; dos quais se mandarão pezar para se reformar = a saber = a cruz e os seis castiçais do altar = as quatro varas de prata do paleo = os quatro castiçais da meza da vereação do que se ve pelos termos do livro das vereações do presente anno de mil oito centos folio 28 verso folio 47 e folio 49 e por isso em lugar daquelles moveis se fizerão os seguintes

Huma cruz e quatro castiçais do altar

Seis castiçais para a meza da vereação

Dois pratos com duas tizouras

Huma salva sem pé tudo de prata, tem as armas da Camara e por estes trastes e que hade responder o guarda actual em lugar dos outros; e por mais

Huma guardaroupa de pao de vinhatico com duas portas que serve de guardar os paramentos do altar e prata

Huma caixa de pelouros de páo d'oleo com seus espelhos, chapas e pes de prata

Huma meza pequena de páo d'oleo em que esta a caixa dos pelouros

Aos dezacete dias do mez de Maio de mil e oito centos nesta cidade do Porto e caza do

senado da Camara em vereação que fazião o doutor juiz de fora do crime que serve do civil, vereadores do mesmo senado com assistencia do procurador da cidade ahi forão entregues ao guarda do mesmo senado Joze Joaquim de Almeida Coutinho as alfaias e moveis que constão do inventario retro neste livro de folhas cento e vinte e duas verso the folhas cento e vinte e cinco com as declarações nella feitas, de que o mesmo tomou conta e se obrigou por sua pessoa, e bens moveis e de raiz, presentes e futuros, havidos e por haver, a sua satisfação de que fiz este termo que todos assinarão e o referido guarda Antonio Ribeiro da Silva e Queiróz o escrevi”.

[*] palavra ilegível